

PRÁTICAS DOCENTES E O LETRAMENTO DOS ALUNOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

TEACHING PRACTICES AND LITERACY WITHIN STUDENTS IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

Larissa Tatiana Leite Durães¹

Pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Uniassevi.

Maria Inês Gonçalves Leite Neta²

Graduada em Alfabetização e Letramento pela FIPBH.

RESUMO:

Este artigo apresenta as contribuições das práticas de professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental no letramento dos alunos de uma escola privada, situada na cidade de Montes Claros, Minas Gerais. Analisa, a partir dos relatos das colaboradoras, as diversas formas de letramento praticadas no ambiente escolar, assim como discute a indissociabilidade do letramento e alfabetização, uma vez que a construção da linguagem escrita e da leitura se dá como trabalho contínuo. A metodologia aplicada seguiu uma abordagem qualitativa e, como técnica, o estudo de caso. As informações foram coletadas via questionário aplicado a 3 (três) docentes que atuam em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo uma do 1º, outra do 2º e 3º ano. Ao chegar ao ambiente escolar, a criança já possui diversos tipos de conhecimento construídos a partir das experiências vivenciadas com outras pessoas e com eventos que podem contribuir com sua compreensão sobre a leitura, a escrita e a fala. No entanto, é na escola que, para a maioria das crianças, o processo de alfabetização e letramento se efetiva. Os dados coletados indicam que em geral as professoras participantes apresentaram concepções pertinentes sobre alfabetização e letramento, sabendo que, embora esses termos possuam conceitos distintos, são indissociáveis e precisam ser trabalhados de forma conjunta. Verificou-se que as práticas daquelas professoras são promotoras do processo de alfabetização e letramento, ou seja, as crianças utilizam a leitura, a escrita e a fala em situações sociais.

Palavras-chave: Letramento. Alfabetização. Práticas docentes.

ABSTRACT:

This article presents the contributions of the practices of teachers in the early years of Elementary School in the literacy of students at a private school, located in the city of Montes Claros, Minas Gerais. It analyzes, based on the collaborators' reports, the different forms of literacy practiced in the school environment, as well as discussing the inseparability of literacy and reading and writing skills, since the construction of written language and reading takes place as a continuous work. The methodology applied followed a qualitative approach within case study as a research method. The information was collected via a questionnaire applied to 3 (three) teachers who work in classes in the early years of Elementary School, one in the 1st, the others in the 2nd and 3rd year. Upon arriving at the school environment, the child already has different types of knowledge built from experiences with other people and events that can contribute to their understanding of reading, writing and speaking. However, it is at school that, for most children, the reading and writing skills and literacy process takes place. The data collected indicate that, in general, the participating teachers presented relevant conceptions about reading and writing skills and literacy, knowing that, although these terms have different concepts, they are inseparable and need to be worked together. It was found that the practices

of those teachers are promoters of the reading and writing skills and literacy process, in which children use reading, writing and speaking in social situations.

Keywords: Literacy. Reading and writing skills. Teaching practices.

INTRODUÇÃO

No Brasil, até os anos de 1980, as escolas concebiam a alfabetização, com ênfase no código, ou seja, o saber ler e escrever seriam a capacidade do indivíduo codificar e decodificar a língua escrita.

Desse modo, ainda persiste a concepção de que alfabetizado é o indivíduo que domina o código alfabético, decodifica os elementos que compõem a escrita, desenvolve as competências quanto à memorização do alfabeto, reconhecimento das letras, a ligação entre sílabas e a formação de palavras, utilizando-as na leitura e na escrita.

Quando amplia esse conhecimento e compreende o sentido dos textos, esse sujeito também passa a ser letrado, o que, por sua vez, designa a capacidade, a competência que o sujeito adquire quanto à função social da leitura e da escrita. Diz respeito a um contexto mais amplo, além da aprendizagem das letras e símbolos escritos, mas referindo-se à compreensão, à interpretação e ao uso da língua nas diversas práticas sociais. Para Soares (2004), o termo letramento surge a partir das novas relações estabelecidas com as práticas de leitura e escrita na sociedade, ao passo que não basta apenas saber ler e escrever, mas quais funções a leitura e a escrita assumem em decorrência das novas exigências impostas pela cultura letrada.

O presente artigo teve como objetivo geral investigar as práticas docentes e sua relação com o letramento dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. E como objetivos específicos: discutir a indissociabilidade entre alfabetização e letramento; identificar práticas de letramento utilizadas com os alunos do ciclo de alfabetização; conhecer as contribuições do letramento no desenvolvimento dos alunos a partir dos discursos das professoras.

As questões relacionadas ao processo de alfabetização e letramento são entendidas como processos intrínsecos que devem caminhar juntos. Assim, é relevante a compreensão e verificação de como se dá essa aprendizagem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos anos 1980, Emília Ferreiro e Ana Teberosky, através de suas pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita, ampliaram o conceito de alfabetização. Para as pesquisadoras, devemos levar em consideração a escrita enquanto representação da linguagem e não apenas como código de escrita das unidades sonoras. Este conceito fica evidenciado em sua obra *Psicogênese da língua escrita* (1999).

Este ponto de vista também é comum ao que Soares (2020) nos apresenta. Essa autora enfatiza:

A alfabetização não é a aprendizagem de um código, mas a aprendizagem de um sistema de representação, em que signos (grafemas) representam, não codificam, os sons da fala (os fonemas). Aprender o sistema alfabético não é aprender um código, memorizando relações entre letras e sons, mas compreender o que a escrita representa e a notação com que, arbitrariamente e convencionalmente, são representados os sons da fala, os fonemas (SOARES, 2020, p. 6).

Também em 1980, percebeu-se que a aprendizagem focada somente na alfabetização não formava leitores e redatores de texto. Demonstrou-se que quando levado em consideração as amplas demandas de leitura, embora alfabetizados, crianças e jovens, assim como adultos já escolarizados, não eram amplamente capazes de responder as práticas sociais de leitura e escrita. Nesse sentido, passou-se a entender que era preciso associar o conceito de alfabetização ao de letramento, como nos mostra Soares (2020):

Reconheceu-se, assim, que um conceito restrito de alfabetização que exclua os usos do sistema de escrita é insuficiente diante das muitas e variadas demandas de leitura e de escrita, e que é necessário aliar a alfabetização ao que se denominou *letramento*, entendido como desenvolvimento explícito e sistemático de habilidades e estratégias de leitura e escrita [...] (Soares, 2020 p. 11-12).

Partindo do conceito de letramento, formado essencialmente pelas práticas sociais de leitura e de escrita, Soares recorre a concepção de Shirley Heath, que parte do seguinte pressuposto:

Indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou de escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado *estado* ou *condição* de inserção em uma sociedade letrada (HEATH *apud* SOARES, 2002, p. 145-146).

Assim, Soares (2002) realiza uma investigação a respeito da formação da palavra *letramento*, e constata que se trata de um substantivo formado a partir de um verbo acrescido do sufixo *-mento*, gerando uma nova palavra que cria um outro sentido:

(...) o sentido de ‘estado resultante de uma ação’, como ocorre, por exemplo, em acolhimento, ferimento, sofrimento, rompimento, lançamento; assim, de um verbo *letrar* (ainda não dicionarizado, mas necessário para designar a ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e de escrita, para além do apenas ensinar a ler e a escrever, do alfabetizar), forma-se a palavra *letramento*: estado resultante da ação de *letrar* (SOARES, 2002, p. 146 - grifo nosso).

Com base nessas constatações, percebe-se que *letramento* deve ser entendido a partir da própria lógica de sua formação semântica. Daí a observação feita por aquela autora, segundo a qual *letramento* é um termo surgido a partir da substantivação de um verbo (no caso, o verbo “letrar”). Com isso, a autora ressalta o aspecto ativo, dinâmico, em torno do conceito de *letramento* e, por isso, identifica *letramento* a um “estado ou condição” ligado não apenas a uma mera aquisição de saberes e de técnicas, e sim à aplicação prática desses elementos na interação entre indivíduos ou grupos sociais letrados.

Portanto, Soares (2002) entende que *letramento* aponta não para um mero saber que se aprende ou se “aprende”, como uma coisa pronta e acabada. Pelo contrário, o conceito de *letramento* proposto pela pesquisadora aponta para o conjunto de todos esses elementos (saberes e técnicas) em uma relação dinâmica, viva, com repercussões na esfera existencial (ou individual) e também e principalmente na esfera social (prática entre grupos sociais): “*Le-tramento* designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados.” (SOARES, 2002, p. 148).

Para Street (2003), o *letramento* não é ensinado, mas adquirido pelas práticas sociais. Então, quando pensamos em *letramento* devemos pensar

na comunidade; ou seja, se levarmos em consideração o ambiente escolar, devemos pensar na comunidade onde esta escola está inserida.

Tendo em vista o ambiente escolar de forma mais ampla, o presente estudo de caso apresentado neste artigo ambientou-se no estado de Minas Gerais e, portanto, apresento aqui um dos eixos estruturantes do *Currículo de Referência de Minas Gerais* (2018), que reflete, assim como Street, a importância de se levar em conta a comunidade em toda a sua complexidade:

[...] Compreender e educar o bebê, a criança, o adolescente, o jovem e o adulto implica situá-lo no interior de uma família, um grupo social, cuja experiência informa a construção de sua individualidade. Sabemos que para o professor este aprendizado constitui um desafio, que ao mesmo tempo nos possibilita humanizar este sujeito que se depara com as diferentes aventuras da vida a cada tempo, compreendendo sua singularidade (MINAS GERAIS, 2018, p. 13).

Tomando como base a construção da individualidade do sujeito, entendemos que o processo de *letramento* não deve ser algo mecânico, mas sim, como proposto pelo modelo ideológico de Street (2003. p. 9): “[...] O modelo ideológico oferece uma visão com maior sensibilidade cultural das práticas do *letramento*, na medida em que elas variam de um contexto pra outro”.

Por isso é necessário que a aprendizagem se faça levando-se em consideração a individualidade do sujeito, assim como o meio em que ele vive.

METODOLOGIA

A pesquisa ocorreu nos meses de outubro e novembro do ano de 2021 por ocasião dos estudos da disciplina isolada do Mestrado em Educação: “Estudos sobre o *Le-tramento*”, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes. Deste modo, o presente artigo visa apresentar os resultados dessa pesquisa. A metodologia adotada foi a qualitativa, que, para Esteban (2010), pode ser entendida como uma pesquisa que vai além do uso de ferramentas estatísticas ou de dados meramente quantitativos. Além disso, a pesquisa qualitativa:

(...) pode referir-se a pesquisas sobre a vida das pessoas, histórias, comportamentos e também ao funcionamento organizativo, aos movimentos sociais ou às relações e interações. Alguns dos dados podem ser quantificados, porém, a análise em si mesma é qualitativa. (STRAUSS; CORBIN *apud* ESTEBAN, 2010, p. 124).

A técnica utilizada para a coleta de informações foi o estudo de caso, sendo esta uma técnica considerada por Esteban (2010, p. 180) como “de grande importância no desenvolvimento das Ciências Sociais e Humanas e representa a forma mais pertinente natural das pesquisas orientadas de uma pesquisa qualitativa”. Para aquela autora, o estudo de caso apresenta características específicas que interessam ao pesquisador ligado à Educação, vejamos:

De um estudo de caso se espera que abranja a complexidade de um caso particular (...) é o estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular, para chegar a compreender sua atividade em circunstâncias importantes (...). O caso pode ser uma criança, um professor também (...). Pretendemos compreendê-los. Nós gostaríamos de escutar suas histórias (STAKE *apud* ESTEBAN, 2010, p. 181-182).

Como instrumento foi utilizado o questionário via *Google forms*, enviado por email, com 07 (sete) questões abertas. A escolha desse instrumento de coleta de dados justificou-se a partir do cenário da pandemia de Coronavírus (Covid-19), que ocasionou o ensino remoto na tentativa de diminuir a propagação do vírus. Por isso, a escola lócus da pesquisa não permitiu que o questionário fosse aplicado de forma presencial.

Os participantes pesquisados foram 3 (três) professoras de uma instituição da rede particular de ensino da cidade de Montes Claros - MG.

Ao realizar a pesquisa, levou-se em conta o grau de instrução como dado para análise da formação docente; ano(s) do ciclo de alfabetização em que o professor atua e tempo de atuação. Assim foi possível traçar o perfil das docentes. Na segunda parte do questionário as perguntas aplicadas trataram sobre os conceitos de alfabetização e letramento, partindo de como os mesmos concebem estes processos e como eles ocorrem. Por fim, perguntaram-se quais formas e práticas de letramento são conhecidas e adotadas por aquelas profissionais, para que assim, posteriormente, pudesse ser realizada uma reflexão sobre essas práticas.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao analisar o perfil das docentes, conforme podemos observar na tabela 1, ficou evidenciado através de suas respostas que todas são formadas no curso superior de Pedagogia; todas atuam nos anos iniciais, sendo estes 1º, 2º ou 3º ano do Ensino Fundamental, que fazem parte do ciclo de alfabetização; as docentes possuem em média mais de 10 anos de atuação, tanto nos anos iniciais quanto no ciclo de alfabetização.

Tabela 1: Dados coletados através da aplicação de questionário.

Categorias	Subcategorias	Dados coletados
Perfil das Professoras	Formação	Professora 1: Graduação em Pedagogia.
		Professora 2: Graduação em Pedagogia.
		Professora 3: Graduação em Pedagogia.
	Tempo de atividade docente	Professora 1: “Desde 2010.”
		Professora 2: “Há 17 anos, e no ciclo de alfabetização atuo há 13 anos.”
		Professora 3: “Tem 11 anos que trabalho no ciclo de alfabetização.”
Séries em que atuam	Professora 1: “3º ano”	
	Professora 2: “Primeiro e segundo ano do ensino fundamental 1”.	
	Professora 3: “No 1º ano do Ensino fundamental”.	

Quanto à categoria sobre as definições do conceito de alfabetização e letramento, percebem-se pontos semelhantes nas respostas de 2 (duas) das 3 (três) professoras participantes,

quando perguntado sobre a vivência pedagógica das mesmas e o que elas entendem sobre o conceito de letramento:

P2: “Letrar é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentidos e façam parte da vida do aluno” (9/11/2021).

P3: “Letramento é o uso da leitura e escrita nas práticas sociais” (11/11/2021).

Percebe-se que aqui as professoras definem o letramento como uma prática social que faça sentido e que faça parte do cotidiano do aluno - o que corrobora com o conceito de Street (1989), que afirma que o letramento não é simplesmente um conjunto de habilidades técnicas aprendidas através da educação formal. Este conceito, diz o autor, deve ser tomado no sentido de práticas sociais embebidas em contextos específicos, discursos e posições.

Já para P1, o letramento é definido pelo ato propriamente dito de saber ler e escrever, como pode ser observado em sua fala:

P1: “O ato de saber ler e escrever” (10/11/2021).

Também foi perguntado sobre como se dá o processo de alfabetização e letramento e se eles são conceitos distintos. Percebe-se que aqui também houve semelhanças nas respostas de P2 e P3:

P2: “São conceitos que dependem um do outro, faz-se a alfabetização e aprimoramento com o letramento são distintos, mas inseparáveis” (9/11/2021).

P3: “São conceitos distintos, a alfabetização é o processo de aprendizado da leitura e da escrita, já o letramento é o uso competente da leitura e escrita nas práticas sociais” (11/11/2021).

Nesse aspecto, as professoras se aproximam do conceito de Soares (2010 p.10):

[...] leitura e escrita, nas práticas sociais envolvem a língua escrita - o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

Ao passo que para P1: “Quando a criança aprende a decodificar a língua escrita e conse-

gue expressar-se oralmente. Por isso não podemos separar os dois processos, um depende do outro” (10/11/2021).

Perceba que neste caso P1 se aproxima do que diz Kleiman (2005 p.45): “A relação entre oralidade e letramento não é de oposição - ou um ou outro” além da aproximação com o conceito de Soares anteriormente citado.

Ou seja, P1 entende a indissociabilidade dos conceitos, mas entende o letramento também como um processo oral, e que para haver uma alfabetização efetiva ela precisa ser feita em conjunto com o letramento, sendo estes conceitos distintos, mas interdependentes.

Quando perguntadas sobre quais formas de letramento as professoras conhecem e como aplicam o letramento no cotidiano dos seus alunos a resposta de P2 condiz com o conceito de Soares (2020 p.7): “(...) aprender o sistema alfabético de escrita e, contemporaneamente, conhecer e aprender seus usos sociais: ler, interpretar e produzir textos. Não apenas alfabetizar, mas alfabetizar e letrar, **Alfalettar**”.

P2: “O letramento pode ser feito por meio de jornais, revistas, livros, letras de músicas, receitas, histórias em quadrinhos e outros mais que permitam a interpretação do que foi lido. Aplico sim” (9/11/2021).

Diferente da resposta que foi apresentada por P3 que destaca o trabalho fragmentado:

P3: “Concretização do som das palavras; leitura de frases; incentivo a leitura e faço diferentes atividades, sempre tomando textos como base” (11/11/2021).

Por outro lado, P1 compreende que além do letramento linguístico e literário também existe o letramento matemático.

P1: “Letramento Literário; Letramento Linguístico; Letramento Matemático. Com atividades específicas para cada letramento. Ex.: letramento Literário: texto com tipos de gêneros textuais. Letramento Linguístico: textos com interpretação. Letramento matemático: cálculos e operações envolvendo as quatro operações básicas (adição, subtração, multiplicação e divisão)” (10/11/2021).

Sobre o questionamento de como as professoras exploram o letramento em suas práticas,

os resultados obtidos mostram que as práticas de letramento literárias e linguísticas foram as mais citadas por 2 (duas) das 3 (três) pesquisadas. P1 cita práticas parecidas com as de P2, porém, aplicadas também fora de sala de aula.

P1: “Leitura de cartazes nos corredores e bilhetes, nas anotações que fazem no caderno durante as aulas, além da leitura de textos de apostilas, livros e Xerox de textos das atividades propostas” (10/11/2021).

P2: “Projetos literários, ditados diversificados, produção e interpretação de textos, recontos escritos, rodas de leitura e outros mais” (9/11/2021).

A fala de P3 provavelmente sugere que o processo de alfabetização e letramento ainda não está consolidado, pois a mesma não citou práticas com ênfase na leitura e interpretação de texto.

P3: “Com atividades de cruzadinha, caça-palavras, atividade com escrita espontânea e oferecendo diferentes gêneros textuais” (11/11/2021).

De acordo com Soares (2020, p. 21):

A alfabetização - aquisição da tecnologia da escrita - não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita.

De acordo com o que diz Soares (2017, p. 18): “Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

Sendo assim, é possível entender que esta prática relatada pelas 3 (três) professoras pesquisadas estão pertinentes ao processo de ensino aprendizagem de forma didática e pedagógica corroborando com o conceito de alfabetização e letramento apresentados pelos principais autores que discutem esta temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos as práticas e discursos das professoras aqui pesquisadas conclui-se que alfabetização e letramento são termos já bastante presentes nos estudos e nas práticas no âmbito da Educação. Segundo as concepções contemporâneas dos diversos estudiosos citados ao longo deste artigo, as práticas pedagógicas devem ser realizadas levando-se sempre em consideração uma inter-relação entre o *alfabetizar* e o *letrar*. Apesar dessa íntima relação, os conceitos de alfabetização e letramento apresentam características distintas, sendo fundamental que professores e pedagogos tenham condições tanto para delimitarem cada um daqueles conceitos como para estabelecerem conexões de sentido entre um e outro, buscando uma compreensão crítica sobre os limites instrumentais da alfabetização e também reconhecendo as múltiplas dimensões do letramento, que vão muito além da técnica ou instrumental do “saber ler e escrever”.

O profissional da educação, seja ele professor ou pedagogo, deve ter clareza ao compreender alfabetização e letramento como conceitos distintos e com propostas distintas, mas ao mesmo tempo não deve perder de vista que esses dois conceitos remetem a ações, contextos e finalidades que devem sempre caminhar juntos.

Por fim, compreende-se que em geral as professoras participantes da pesquisa apresentaram concepções pertinentes sobre alfabetização e letramento, sabendo que embora possuam conceitos distintos, são indissociáveis e precisam ser trabalhados de forma conjunta. Também se percebe, ao analisar seus relatos, que suas práticas são pertinentes ao processo de alfabetização e letramento.

REFERÊNCIAS

- ESTEBAN, Maria Paz Sandín. Tradução de Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- KLEIMAM, Angela B. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?* Campinas-SP: Unicamp, 2005. (Linguagem e Letramento em foco: Linguagem nas séries iniciais).

MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais**. Minas Gerais, 2018. Disponível em: <https://www2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/20181012%20-%20Curr%C3%ADculo%20Refer%C3%Aancia%20de%20Minas%20Gerais%20vFinal.pdf> Acesso em: 03 de outubro de 2022.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, Magda Becker. **Alfaletrar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em dois gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação** - Belo Horizonte: UFMG, Ano XVIII, n. 162, p. 5-17, maio 2003.

STREET, Brian. **Literacy in theory and practice**. Cambridge University, 1989.

STREET, Brian. Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento. **Teleconferência Unesco Brasil sobre o Letramento e Diversidade**, out.2003.